

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

HÁ ESPAÇO PARA A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO ENSINO MÉDIO? UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO “LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO” (2016)

YASMIN VICTORIA S. MALAQUIAS¹, JULIA AZEVEDO², GABRIELA ALIAS RIOS³

¹ Aluna do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, Bolsista extensionista, IFSP, Câmpus Avançado Jundiaí, yasmin.malaquias@aluno.ifsp.edu.br.

² Aluna do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, Bolsista de ensino, IFSP, Câmpus Avançado Jundiaí, juliaazevedo140@gmail.com.

³ Doutora em Educação (Unesp), Professora EBTT, IFSP, Câmpus Avançado Jundiaí, gabriela.alias@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.00.00-1 Letras

RESUMO: Este trabalho se propõe a verificar a presença de textos literários produzidos por mulheres no terceiro volume do livro didático “Língua portuguesa: linguagem e interação” (2016). Objetiva-se analisar se esse livro contempla a literatura de autoria feminina que, historicamente, foi negligenciada. No entanto, cabe destacar que atualmente essas produções estão ganhando visibilidade, por isso o ponto central deste trabalho é investigar se essa mudança também ocorreu no âmbito educacional literário, especificamente em um dos livros didáticos mais distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A metodologia utilizada foi a quali-quantitativa que analisou e contabilizou os textos produzidos por mulheres no exemplar didático de forma a propor uma reflexão acerca da representatividade literária feminina no contexto de ensino. Em vista disso, pensadoras como Negromonte (2024) e Steffen (2018) foram essenciais para compreender os impactos negativos que a falta da participação de escritoras no meio didático provoca a perpetuação do imaginário sexista. Por fim, são apresentados os resultados e análises da pesquisa do livro didático e são apontadas as problemáticas e desafios presentes neste.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de autoria feminina; livro didático; ensino médio; ensino de literatura.

IS THERE A PLACE FOR LITERATURE WRITTEN BY WOMEN IN HIGH SCHOOL? AN ANALYSIS OF THE SCHOOLBOOK “LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO” (2016)

ABSTRACT: This work aims to analyze the presence of literary texts produced by women in the third textbook “Língua portuguesa: linguagem e interação” (2016). The aim is to check whether these books include literature by women, which has historically been neglected. However, it is worth noting that these productions are currently gaining visibility, so the central point of this work is to investigate whether this change has also occurred in the literary educational sphere, specifically in the textbook most widely distributed by the National Textbook Program (PNLD). The methodology used was qualitative and quantitative, analyzing and counting the texts produced by women in the textbook, in order to propose a reflection on female literary representation in the educational sphere. In light of this, thinkers such as Negromonte (2024) and Steffen (2018) were essential to understanding the negative impacts that the lack of participation of female writers in the educational environment has on perpetuating sexist imagery. Finally, the results and analysis of the research on the textbook are presented and the problems and challenges present in the textbook are pointed out.

KEYWORDS: feminine authorship literature; schoolbook; high school; literature teaching.

INTRODUÇÃO.

Esta análise emergiu a partir do projeto de ensino “Clube do Livro - Mulheres na Literatura”, realizado no IFSP - Campus Avançado Jundiaí, que tem como público central os estudantes dessa escola. Nesse ínterim, observou-se que alguns discentes possuem pouco contato com textos literários de autoria feminina, o que reflete diretamente a histórica posição subalterna de mulheres na sociedade e na literatura. Acerca disso, Negromonte (2024, p.2) argumenta que “adentrar o campo literário numa sociedade pautada em valores patriarcais representou um desafio para as mulheres escritoras”. Assim, através de diversas lutas, as mulheres vêm ganhando espaço na literatura e perpetuando vozes que, por tanto tempo, foram impedidas e silenciadas nesse campo que era majoritariamente ocupado por homens.

Sob essa ótica, pretende-se com esse trabalho realizar uma análise qualiqualitativa dos textos literários de autoria feminina presentes no terceiro volume do livro “Língua portuguesa: linguagem e interação” (2016), a fim de compreender se essa autoria tem tido espaço no ensino médio. Diante disso, optou-se por esse livro pois é no ensino médio que os jovens têm maior contato com literatura e obras canônicas, conseqüentemente, o período é importante para a formação de leitores críticos. Assim, é relevante discutir se o instrumento didático se apresenta representativo quanto ao gênero e propicia aos estudantes pluralidade quanto a repertórios literários.

Portanto, o estudo busca identificar se houve um avanço na inclusão da literatura feminina nas práticas educacionais e quais são os desafios persistentes. Ao fazer isso, pretende-se oferecer uma análise crítica sobre como a presença ou ausência de textos femininos no livro didático podem ser reflexo da estrutura social na qual produções feitas por mulheres são ofuscadas. Assim, a análise contribui para a discussão sobre a representatividade na educação e suas implicações para a equidade de gênero no ambiente acadêmico.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho é um estudo quali quantitativo do terceiro volume do livro “Língua portuguesa: linguagem e interação” (2016), com o intuito de observar, especialmente, a quantidade de textos literários – ou excertos deles – de autoria feminina. Para tanto, além de contabilizá-los, pretendeu-se analisar qual é o histórico da literatura de autoria feminina no contexto brasileiro, como enfoque no silenciamento canônico reproduzido em manuais de Literatura, como o Livro Didático. Por fim, objetiva-se a discussão dos possíveis reflexos desse silenciamento para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ler foi o que proporcionou, às mulheres oitocentistas, a emancipação e compreensão do “estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados” (Duarte, 2016, p. 14), cujos reflexos podem ser vistos até hoje. Entretanto, vê-se que a circulação desses textos, especialmente no século XIX, não teve o mesmo alcance do que os escritos pelos homens, parte disso por conta da crítica extremamente preconceituosa que impedia sua veiculação.

Diante disso, pode-se entender que a literatura é historicamente sustentada pela formação canônica que, segundo teóricos contemporâneos, é responsável por excluir a pluralidade de vozes existentes na sociedade, o que contribui para a manutenção de preconceitos de diversas naturezas (Schmidt, 2011). Uma dessas vozes que foram silenciadas pela historiografia literária é, como exposto, a feminina, a qual vem sendo resgatada e amplamente estudada em um movimento recente da Academia,

embora a produção literária escrita por mulheres seja encontrada desde escolas literárias brasileiras como o Romantismo e o Realismo, com autoras como Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

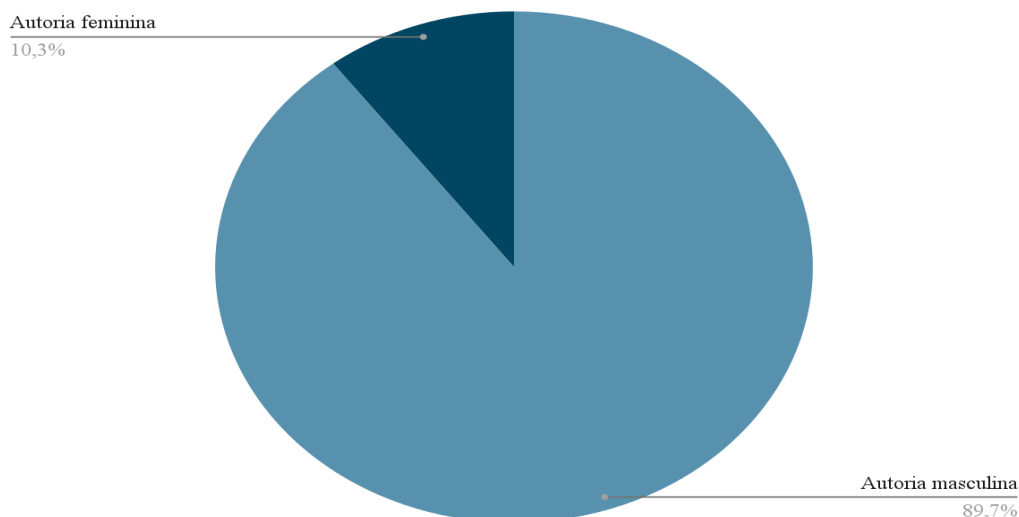
Tal movimentação na investigação literária tem ecoado em muitos espaços, como em vestibulares. Em 2023, foi anunciada a lista das leituras obrigatórias da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) que, a partir da edição cujo ano de ingresso é 2026, contará apenas com autoras de língua portuguesa (Livros, 2024). A lista de uma das provas mais concorridas do país apresenta também diversas mulheres em épocas diferentes, contribuindo para a difusão dos escritos femininos em todas suas particularidades e singularidades, especialmente para o público jovem. Assim, diante do crescente estudo sobre autoria feminina, questionamo-nos se a produção dos livros didáticos, materiais que são essenciais no processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas, tem seguido o mesmo movimento, especialmente aqueles destinados ao Ensino Médio.

Para essa investigação, foi escolhido o livro “Língua Portuguesa: linguagem e interação” (2016), um dos mais distribuídos, na área de línguas, pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018. O conteúdo programático desse volume engloba o século XX, desde as vanguardas europeias, até as tendências contemporâneas na produção literária de língua portuguesa, de forma cronológica. Ao analisar a autoria feminina, partimos do pressuposto de que

[...] o sistema de ensino cumpre inevitavelmente uma função de legitimação cultural ao converter em cultura legítima, exclusivamente através do efeito de dissimulação, o arbitrário cultural que uma formação social apresenta pelo mero fato de existir e, de modo mais preciso, ao reproduzir, pela delimitação do que merece ser transmitido e adquirido e do que não merece, a distinção entre as obras legítimas e ilegítimas e, ao mesmo tempo, entre a maneira legítima e ilegítima de abordar as obras legítimas (Bourdieu, 2007, p. 120 *apud*. Steffen, 2016, p. 318).

Nesse sentido, foram analisadas as autorias dos excertos de textos literários trazidos pelos autores, quantificando se elas são femininas ou masculinas e observando, sobretudo, se existe um número satisfatório de escritoras presentes no livro didático. Vejamos o gráfico que mostra os dados contabilizados:

Gráfico 1 - Excertos de textos literários divididos por autoria



Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Como vemos, os textos de autoria feminina representam pouco mais de 10% dos textos presentes no terceiro volume desse livro, o que se mostra insuficiente e aponta para a construção de um imaginário em que a produção feminina não possui tanta qualidade estética quanto a masculina, já que não aparece nos grandes manuais de Literatura. Para Negromonte (2024, p. 20), pelo contrário, essa ausência histórica da autoria feminina nos livros didáticos simboliza que ainda existem “resquícios do

patriarcado no espaço educacional.”, o qual é, portanto, um lugar construído com base em privilégios – um deles, o de gênero.

Inferimos também, a partir da análise, que, conforme o livro didático avança na historiografia literária, mais mulheres aparecem. O primeiro capítulo, que discorre sobre as vanguardas europeias e a Semana de Arte Moderna de 1922, não tem nenhum texto de autoria feminina, enquanto o último capítulo, sobre as tendências contemporâneas, é o que contabiliza seis autoras, o maior número por capítulo, sendo elas: Hilda Hilst, Adélia Prado, Orides Fontela, Lygia Fagundes Telles, Adriana Falcão e Alda Espírito Santo. Essa disposição pode levar os estudantes do Ensino Médio a compreenderem que o fenômeno da escrita de autoria feminina é algo recente, o que não é verídico. Tanto em movimentos literários anteriores, quanto naqueles respaldados por esse volume do livro, existem nomes femininos, embora esses sejam ocultados¹.

Já em capítulos anteriores, apenas dois nomes femininos brasileiros aparecem: os de Cecília Meireles e Clarice Lispector, representando respectivamente as 2ª e 3ª fases do Modernismo. Ambas as autoras, segundo Rita Terezinha Schmidt (1995 *apud*. Steffen, 2018), foram as primeiras a serem reconhecidas enquanto escritoras pela crítica literária, o que repercutiu ainda hoje na produção de livros didáticos. Antes delas, a literatura de autoria feminina não era enxergada como um ofício legítimo, mas sim como um passatempo, sem seriedade.

Assim, outra problemática que foi observada é a quantidade de autoras negras. Apenas Alda Espírito Santo, escritora cabo-verdiana, representa a literatura de autoria negra-feminina. Entretanto, diversas são as escritoras negras brasileiras que exercem papéis fundamentais na literatura realizada hoje e anteriormente. Como exemplo, tem-se Ruth Guimarães, nome modernista que ficou oculto por muitos anos na historiografia literária, mas que hoje é reconhecido pelos estudos literários (Miranda, 2021), embora não esteja nesse livro didático.

CONCLUSÕES

Portanto, podemos compreender que os materiais presentes nos livros didáticos são, sobretudo, um reflexo daquilo que é selecionado pelo cânone literário, instituição imaterial que atribui valor estético a algumas obras, enquanto pretere outras. Dessa maneira, os textos literários escritos por mulheres acabaram ficando ofuscados em relação a outros escritos, já que os homens além de serem autores, também eram os críticos e editores, por exemplo. Entretanto, é notável que, num esforço intelectual, diversas iniciativas buscam reverter essa perspectiva, colocando em destaque as produções de autoria feminina. Mas, como apontam Steffen (2018) e Negromonte (2024), os livros didáticos têm apresentado resistência a essa mudança – o que pudemos observar na análise do livro “Língua Portuguesa: linguagem e interação” (2016) destinado ao Ensino Médio. Pouco mais de 10% dos excertos de textos literários encontrados no livro são de autoria feminina, o que aponta para uma perpetuação do apagamento da presença feminina na literatura.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Yasmin Victoria S. Malaquias contribuiu com a concepção, elaboração, levantamento de textos e redação do trabalho. Júlia Azevedo contribuiu com a concepção, elaboração e redação do trabalho. Gabriela Alias Rios contribuiu com a concepção, elaboração e revisão do trabalho. Todas aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo pelo financiamento do projeto de ensino “Clube de Leitura - Mulheres na Literatura” com uma bolsa discente. Também agradecemos ao Câmpus Avançado Jundiá pelo espaço e incentivo.

REFERÊNCIAS

¹ Como os nomes de Pagu (Patrícia Galvão), Rachel de Queiroz, Ana Cristina César e Alice Ruiz.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de.; MARUXO JR, J. H. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. 3 vol. São Paulo: Ática, 2016.

LIVROS escritos por mulheres vão compor lista obrigatória para prova da Fuvest em 2026. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/livros-escritos-por-mulheres-vaio-compor-lista-obrigatoria-para-prova-da-fuvest-em-2026/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

MIRANDA, F. R. Uma Romancista negra intérprete da nação:: Ruth Guimarães em “Água Funda”. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 30, n. 57, p. 34–40, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38289>. Acesso em: 18 ago. 2024.

NEGROMONTE, G. K de B. A literatura de autoria feminina no Ensino Médio: lacunas e possibilidades. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 20, n. 35, p. 1–22, 2024. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/32685>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SCHMIDT, R. T. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 32, p. 127–141, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9573>. Acesso em: 4 abr. 2024.

STEFFEN, A. C. A (não) presença da literatura de autoria feminina nos livros didáticos de ensino médio. **Revista Entrelaces**, Fortaleza (CE), v. 1, n. 14, p. 315-332, out./dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/32810>. Acesso em: 14 ago. 2024.